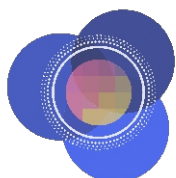


# CADERNOS *de* REGIONALISMO ODR

Volume 7 | Número 1 | 2023



# **CADERNOS** *de* **REGIONALISMO ODR**



GRUPO DE PESQUISA VINCULADO À REPRI  
**OBSERVATÓRIO**  
*de*  
REGIONALISMO

# REDE DE PESQUISA EM POLÍTICA EXTERNA E REGIONALISMO

---

## Comissão Científica

Bárbara Carvalho Neves  
Cairo Gabriel Borges Junqueira  
Guilherme Augusto Guimarães Ferreira  
Heitor Erthal  
Kallan Sipple  
Mariana Cabral Campos  
Maurício Luiz Borges Ramos Dias  
Samiyah Venturi Becker

---

## **OBSERVATÓRIO DE REGIONALISMO**

### Coordenação

Cairo Gabriel Borges Junqueira  
Guilherme Augusto Guimarães Ferreira

CADERNOS DE REGIONALISMO ODR: DOSSIÊ - 2023  
Anuário de Regionalismo

### Corpo Editorial

Bárbara Carvalho Neves  
Heitor Erthal  
Mariana Cabral Campo

### Revisão

Bárbara Carvalho Neves  
Kallan Sipple  
Maurício Luiz Borges Ramos Dias  
Samiyah Venturi Becker

### Diagramação e Projeto Gráfico

Bárbara Carvalho Neves  
Heitor Erthal  
Mariana Cabral Campos

### Pesquisadores

Bianca Silva Gonçalves  
Giulia Ribeiro Barão  
Guilherme Augusto Guimarães Ferreira

Guilherme Dias do Carmo  
Guilherme Geremias da Conceição  
Heitor Erthal  
Heloisa Cristina Malta  
Jacqueline Gobbis Arantes  
Jaqueline Trevisan Pigatto  
João Roberto Fava Junior  
Kallan Sipple  
Layssa Fernanda Lins dos Santos  
Luan Olliveira Pessoa  
Mariana Cabral Campos  
Marta Cerqueiro Melo  
Maurício Luiz Borges Ramos Dias  
Patrícia Nasser de Carvalho  
Paulo Cesar dos Santos Martins  
Suzana Ribeiro Souza  
Tainá Siman  
Thiago Moreira Gonçalves  
Victor Ferreira Almeida  
Vitória Totti Salgado

ISSN: 2675-6390

Observatório de Regionalismo - Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas  
Praça da Sé, 108 - 3º Andar - Sé - São Paulo - SP - CEP: 01001-900

Telefone: (11) 3116-1770 / (11) 3116-1780

Site: <http://observatorio.repri.org/>

E-mail: [observatorioderegionalismo@gmail.com](mailto:observatorioderegionalismo@gmail.com)

CADERNOS DE REGIONALISMO ODR  
DOSSIÊ - 2023  
Anuário de Regionalismo

## SUMÁRIO

Apresentação - Guilherme Augusto Guimarães Ferreira	7
Pode o povo governar um país na América do Sul? Nuances do golpismo no Brasil e no Peru atuais - Marta Cerqueiro Melo	10
Cooperação trilateral entre Coreia do Sul, Japão e Estados Unidos: a reaproximação nipo-sul-coreana à vista no horizonte? - Maurício Luiz Borges Ramos Dias	19
Revitalizando as relações entre União Europeia e América Latina: a cooperação no âmbito da segurança - Vitória Totti Salgado	27
100 dias do terceiro governo de Lula: as viagens presidenciais e seus impactos na integração regional - Thiago Moreira Gonçalves	36
Promoção e difusão da língua portuguesa como projeto regional: Histórico e atuação do IILP/CPLP (Parte I) - Giulia Ribeiro Barão	45
Promoção e difusão da língua portuguesa como projeto regional: Parte II - Giulia Ribeiro Barão	54
Runasur/Runasul: qual o lugar da iniciativa no renascimento do regionalismo pós-hegemônico? - Tainá Siman	60
Política externa e saúde: Avanços e desafios durante o primeiro semestre de Lula III - Heitor Erthal	66
Colonialismo, Meio Ambiente e Integração Regional - Layssa Fernanda Lins dos Santos	74
Brexit e o Paradoxo da Soberania - Kallan Sipple	81
ODR Convida: Regionalismo, ODS e Agenda 2030: O papel da governança global sobre o Pacto Global Digital - Jaqueline Trevisan Pigatto, Jacqueline Gobbis Arantes e Heloisa Cristina Malta	91
Integración Física Ferrocarril entre Argentina y Chile: el caso del proyecto Trasandino del Sur - Paulo Cesar dos Santos Martins	100
A adesão plena do Irã na Organização para Cooperação de Xangai (OCX/SCO): alcances e limitações - Guilherme Geremias da Conceição	109

## SUMÁRIO

Mais uma vez, a França: antigos e recentes reveses do Acordo de Livre Comércio União Europeia-Mercosul - Patrícia Nasser de Carvalho	119
O bicentenário do Dois de Julho e sua comemoração na Argentina - Luan Olliveira Pessoa	129
A Política Externa do Governo Bolsonaro na emergência sanitária da COVID-19 - Mariana Cabral Campos	141
A CELAC e o regionalismo latino-americano entre as interpretações do Brasil e do México - João Roberto Fava Junior	151
A inserção da agenda ambiental em mega-acordos comerciais: entre a oportunidade de efetividade e a instrumentalização - Suzana Ribeiro Souza	160
ODR Aberto: Soluções africanas para problemas africanos: a Agenda 2063 como uma visão de futuro para a África e o caso do Mali como tradução dos desafios da União Africana - Bianca Silva Gonçalves e Guilherme Dias do Carmo	165

## **RUNASUR/RUNASUL: QUAL O LUGAR DA INICIATIVA NO RENASCIMENTO DO REGIONALISMO PÓS-HEGEMÔNICO?**

*Tainá Siman*

Pesquisadora Adjunta e Doutoranda na Albert-Ludwigs-Universität Freiburg

E-mail: taina.siman@gmail.com | ORCID: 0000-0001-9516-7791

**N**os dias de 18 e 19 de Dezembro de 2020, na sede da esvaziada União de Nações Sul-Americanas (UNASUR, em português UNASUL), acontecia o “Encuentro de los Pueblos y Organizaciones de Abya Yala hacia la construcción de una América Plurinacional”. Esse era o início da RUNASUR, sigla que combina a palavra em quechua RUNA – ser humano, povo – com UNASUR. Lançada por Evo Morales, a RUNASUR é uma organização de integração da qual participam não os Estados Nação, mas sim povos e organizações, sejam elas sindicatos, Organizações Não Governamentais, sociedade civil organizada, povos indígenas, quilombos, etc. O único critério é que o participante esteja geograficamente localizado em um dos países membros da UNASUL.

Principal símbolo do regionalismo pós-hegemônico [1], a UNASUL estava esvaziada. A situação política venezuelana inaugurou uma crise na coordenação da região, logo liderada pelo impeachment de Dilma Rousseff em 2016, deixando a organização sem liderança regional. Sua sede, localizada no Equador, está atualmente abandonada e os países tinham suspenso sua participação na organização regional.

Frequentemente correlacionado com a maré rosa, há espaço para argumentar que o regionalismo pós-hegemônico, bem como a UNASUL, fazem parte de um projeto abandonado, um exemplo importante de desintegração e um símbolo de como as organizações regionais são vulneráveis a mudanças políticas na América Latina. A criação da RUNASUR busca em certa medida remediar esse ponto fraco, já que diferentemente das mudanças políticas das lideranças presidenciais, os povos tradicionais estabeleceriam uma constante na região.

Entretanto, algumas dessas características (da maré rosa e do regionalismo pós-hegemônico) permanecem na região: a Bolívia e o Equador foram caracterizados como Estados Plurinacionais. Ao aprovar uma Constituição Plurinacional, o reconhecimento à existência de diversos povos originários é colocado no cerne da formação e caracterização desses Estados. Além disso, o caráter pós-hegemônico pode ser associado aos Estados Plurinacionais ao estabelecer uma alternativa à formação tradicional do Estado europeu (Hernández; Gonçalves; Cazalbón, 2022). O Chile, após passar por uma fase liberal e manifestações populares, também teve a proposta de uma constituição plurinacional, que foi rejeitada.

De certa forma, a RUNASUR pode ser considerada a principal estratégia do regionalismo pós-hegemônico: se antes as organizações de integração regional eram criticadas por não serem bem-sucedidas nos modelos europeus de integração, a RUNASUR quebra essa afirmação em sua raiz, por ser um produto de construções locais a partir de valores locais. Seus membros, no momento, são atores não estatais, e suas regras e funcionamento estão altamente comprometidas com o Estado Plurinacional em vez de atores estatais.

Esse foco em Estados Plurinacionais pode até mesmo definir outro indicador para a pós-hegemonia, porque não está direcionado ao mundo atlântico. Bolívia, Equador e Chile são os principais países dos Andes, o que pode significar um foco nos laços do Pacífico em vez do Atlântico. A “mudança para o Pacífico” tem sido considerada uma tendência para a redução da influência dos Estados e valores ocidentais no contexto internacional, marcada pela ascensão da China e pelo aumento do desempenho econômico da Ásia. É também um giro para o pacífico, já que ao invés de ter seus principais Estados pertencentes ao atlântico, a RUNASUR segue a geopolítica orientada pelos Andes. Essa tendência se torna mais relevante com o slogan adotado “Construa nosso caminho, nosso Qhapaq Ñan”. Qhapaq Ñan foi uma estrada de 40.000 km de extensão criada pelo Império Inca nos Andes, de Santiago (Chile) a Tumbes (Equador) pela costa, e de Mendoza (Argentina) até Cali (Colômbia) por sua estrada terrestre.

Essa adoção não significa que relações plurinacionais estejam livres de conflitos ou percalços. Uma delas já foi gerada pela criação da própria RUNASUR, na qual Evo Morales se pronunciou a favor da saída da Bolívia para o mar (sendo esse um objetivo na Constituição vigente). A declaração gerou repercussão principalmente em Cusco (Peru),



levando a manifestações contra a 2ª Cúpula da RUNASUR, que deveria ter acontecido em 2021 na cidade e foi suspensa, segundo Evo Morales, pela pandemia do COVID-19. Isso porque, entre 1879-1883, houve uma guerra na qual participaram Bolívia (com apoio do Peru) e Chile quanto à demarcação de território e saída para o mar. É argumentado que as duas questões se relacionam porque a adoção de uma constituição plurinacional no Chile daria o controle ao povo Aymara sob o território em disputa, integrando o acesso da Bolívia ao mar, especialmente sob a existência de um acordo de integração plurinacional envolvendo todos os países. Cabe ressaltar, no entanto, que a demarcação e os direitos dos povos sob a constituição plurinacional no Chile ainda não está delimitada já que a proposta de Constituição chilena não foi aprovada.

O principal documento da RUNASUR é seu Decálogo, que estabelece os principais objetivos da organização: 1- autodeterminação dos povos; 2- fortalecimento da democracia, dos direitos humanos e dos direitos coletivos; 3- força a integração dos povos; 4- afirmação da plurinacionalidade, pluriculturalidade e plurilinguagem; 5- consolidação do anti-imperialismo; 6- construção da paz com justiça social; 7- promoção do buen vivir [2]; 8- fortalecer a defesa da Mãe Terra e seus direitos [3]; 9- recuperar nossos princípios milenares de vida, promovendo a descolonização e a despatriarcalização [4].

Não se encaixando na conceituação regular de integração, a RUNASUR parece ser um esforço para criar um ator coletivo com poderes para impulsionar uma agenda com a intenção de afetar toda a região. Após ter suas atividades prejudicadas pela pandemia do Covid-19, a relevância da RUNASUR será posta em cheque por duas novas variáveis na região: a eleição do presidente Luis Inácio “Lula” da Silva e o ressurgimento da UNASUL.

O ano de 2023 começou com a posse do presidente Lula no Brasil, ocasião para a qual o ex-presidente Evo Morales veio ao Brasil. Juntamente com o evento de posse, ele também participou de reuniões com organizações sociais e sindicatos brasileiros com o intuito de promover a RUNASUR no Brasil. Segundo ele, a RUNASUR não competiria com os arranjos de integração regional, mas seria, sim, complementar a eles, estabelecendo um “corpo político” dessas iniciativas, tendo declarado que “O Mercosul é nossa resposta econômica, e a Runasur é nossa resposta política” (Terribili, 2023).

Além disso, Evo também declarou que Lula não é só um símbolo, é uma garantia de

integração de toda América Latina (Terribili, 2023), o que pode ser lido como uma declaração que coloca o apoio do presidente Lula como crucial para a consolidação da RUNASUR. No entanto, ainda não sabemos como ou até que ponto Lula apoia ou promove a iniciativa, não tendo sido encontradas declarações dele sobre a organização.

Alguns meses depois, o Brasil anunciou seu retorno à UNASUL. Enquanto a RUNASUR é apontada como projeto pessoal do Evo Morales, o mesmo pode ser dito quanto à UNASUL e Lula. Com as atividades ainda a serem retomadas, pode ser feito o questionamento de qual será a relação entre as duas instituições. Elas poderiam ser vistas como complementares, por terem objetivos pós-hegemônicos, mas trabalharem em níveis diferentes, no entanto a ausência de menções à RUNASUR no renascimento da UNASUL, até então, não tem apontado nesta direção.

Existem outros motivos pelos quais essa conexão pode não ter sido feita. Um deles é o interesse em trazer outros países da região de volta à organização, como é o caso do Peru, que ainda não retornou. O Peru proibiu a entrada de Evo Morales no país a partir de janeiro desse ano, por tempo indeterminado, por supostamente atentar contra a segurança nacional ao articular com Aymaras sobre a questão da saída boliviana para o mar. Ele é considerado *persona non grata* no país desde o ano de 2021. Dessa forma, associar a RUNASUR com a UNASUL antagonizaria com o objetivo de voltar a ter como países membros seus 12 Estados originais.

Por outro lado, a RUNASUR perder relevância (ou não ter o destaque esperado) no renascimento da UNASUL não significa fracasso da iniciativa. É relevante que a RUNASUR tenha sido criada exatamente em um momento marcado pela desintegração, ou pelo crescimento de iniciativas de governos de direita, como o desmantelamento da própria UNASUL, criação do Grupo de Lima e PROSUL. Pode-se então teorizar que suas atividades e sua existência se tornem mais relevantes em momentos de crise para a integração latino-americana, fazendo com que ela se transforme em uma organização de resistência e relevância para a manutenção das políticas de integração latino-americanas e as demandas que advêm de seus atores não-tradicionais.

Conforme ressaltou o próprio Evo Morales: “A Unasul é dos Estados. O Runasur é dos povos. [...] como perdemos vários presidentes de esquerda na América do Sul, a Unasul ficou paralisada e surge esse profundo sentimento dos povos, das forças sociais, de continuar com as políticas da Unasul.” Nesse caso, a ofuscação da RUNASUR

durante os momentos em que a integração progride, e sua maior relevância em momentos de estagnação não seria então uma fraqueza da iniciativa, mas sim sua principal estratégia e razão de existência.

---

## Notas

- [1] O Regionalismo Pós-Hegemônico “é tanto um conceito baseado em teoria, contribuindo para um debate e uma agenda de pesquisa que se ramificou no estudo do regionalismo do sul, quanto uma manifestação de governança que ressignificou e valorizou o espaço regional como um espaço de ação e contestação”, segundo definição de suas idealizadoras, Diana Tussie e Pia Riggiozzi.
- [2] Buen Vivir é um modelo de desenvolvimento dos povos indígenas dos Andes, que implica um conjunto organizado, sustentável e dinâmico dos sistemas econômicos, políticos, socioculturais e ambientais, baseado nos princípios de relacionalidade, reciprocidade, correspondência e complementaridade.
- [3] Nas constituições plurinacionais, os elementos da natureza são considerados seres vivos e, por isso, têm direitos garantidos. Os rios e as montanhas, por exemplo, podem ser registrados como pessoas jurídicas. A Nova Zelândia e a Índia adotaram cláusulas semelhantes.
- [4] O objetivo número 9 faz referência ao Ministério das Culturas, Descolonização e Despatriarcalização da Bolívia, que trata o patriarcado como uma herança da colonização. O Ministério é responsável pela implementação e supervisão de políticas públicas para a recuperação, proteção, preservação, restauração, promoção, socialização e valorização das culturas e expressões artísticas dos povos locais.

Como citar:

SIMAN, Tainá. Runasur/Runasul: qual o lugar da iniciativa no renascimento do regionalismo pós-hegemônico?. **Cadernos de Regionalismo ODR**, São Paulo, v. 7, 2023, p. 60-65. ISSN: 2675-6390.

## REFERÊNCIAS

AGENCIA EFE. Peru proíbe entrada de Evo Morales por afetar “segurança nacional”. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/peru-proibe-entrada-de-evo-morales-por-afetar-seguranca-nacional/>. Acesso em 30 sep. 2023.

EL MINISTERIO DE CULTURAS, DESCOLONIZACIÓN Y DESPATRIARCALIZACIÓN DE BOLIVIA. Misión y Visión. 2023. Disponível em: <https://www.minculturas.gob.bo/mision-y-vision/#:~:text=El%20Ministerio%20de%20Culturas%2C%20Descolonizaci%C3%B3n,art%C3%ADsticas%20de%20los%20pueblos%20y>. Acesso em: 30 sep. 2023.

GRANJA HERNÁNDEZ, L.; LACERDA GONÇALVES, . A. L.; CAZALBÓN, A. RUNASUR: estudio de caso de la propuesta de Evo Morales de regionalismo plurinacional. Revista Aportes para la Integración Latinoamericana, [S. l.], n. 47, p. 045, 2022. DOI: 10.24215/24689912e045. Disponível em: <https://revistas.unlp.edu.ar/aportes/article/view/14616>. Acesso em: 30 sep. 2023.

RIGGIROZZI, P.; TUSSIE, D. The rise of Post-Hegemonic Regionalism: The Case of Latin America. 2012. United Nations University Series on Regionalism, 4. Netherlands: Springer.

RUNASUR. Evo Morales Ayma presenta el Decálogo de Runasur. 2023. Disponível em: <https://runasur.org/> Acesso em 30 sep. 2023.

TERRIBILI, A. Ex-presidente Boliviano Evo Morales participa de debate no SINPRO. 2023. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/evo-morales-no-sinpro/>. Acesso em 30 sep. 2023